

O ESPARTILHO E A CIDADE-JARDIM:

A história social da indústria Spirella em Letchworth Garden City

EIXO TEMÁTICO 1: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

DELFINO, Mariana
Graduanda; FAUUSP
marianadelfino@usp.br

CYMBALISTA, Renato
Prof. Dr., FAUUSP
rcymbalista@usp.br

RESUMO

Este trabalho examina a fábrica de espartilhos Spirella no contexto urbano de Letchworth, primeira cidade-jardim concebida segundo os princípios de Ebenezer Howard. Embora exista vasta bibliografia sobre a cidade-jardim como proposta urbanística, a presença da Spirella nesse ecossistema permanece pouco explorada, apesar de sua relevância como expressão concreta dos ideais howardianos aplicados ao cotidiano industrial. A escolha de Letchworth como sede não foi fortuita: a cidade, planejada com foco em sustentabilidade e vida comunitária, reforçava a imagem progressista da empresa. A fábrica, construída em estilo arquitetônico distinto da estética industrial convencional, tornou-se símbolo da integração entre trabalho e qualidade de vida.

Outro aspecto é a participação feminina, a Spirella empregava majoritariamente mulheres e desenvolveu um sistema inovador de vendas domiciliares por meio das corsetiers que atuavam de forma autônoma na comercialização dos espartilhos. Essa estratégia desafiava padrões tradicionais da indústria e ampliava o protagonismo das trabalhadoras. A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, cruzando história urbana, arquitetura e estudos de gênero, para oferecer uma leitura mais ampla de Letchworth. Após o encerramento das atividades em 1989, o edifício foi restaurado pela Letchworth Heritage Foundation e convertido em espaço de uso misto, preservando sua permanência simbólica e cultural até os dias atuais.

Palavras-chave: cidade-jardim; Spirella; arquitetura industrial; gênero.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This paper examines the Spirella corset factory within the urban context of Letchworth, the first garden city conceived according to Ebenezer Howard's principles. Although there is extensive scholarship on the garden city as an urban planning model, Spirella's presence within this ecosystem remains underexplored, despite its significance as a concrete expression of Howardian ideals applied to industrial life. The choice of Letchworth as the company's headquarters was not accidental: the city, designed with an emphasis on sustainability and community, reinforced Spirella's progressive image. The factory itself, built in an architectural style distinct from conventional industrial aesthetics, became a symbol of the integration between labor and quality of life.

Another crucial aspect concerns female participation. Spirella employed predominantly women and developed an innovative system of home sales through corsetiers, who operated autonomously in marketing the products. This strategy challenged traditional industrial norms and expanded the agency of female workers. The research adopts an interdisciplinary approach, intersecting urban history, architecture, and gender studies, to provide a broader reading of Letchworth. Following the closure of industrial activities in 1989, the building was restored by the Letchworth Heritage Foundation and converted into a mixed-use space, thereby preserving its symbolic and cultural significance to the present day.

Keywords: garden city; Spirella; industrial architecture; gender.

RESUMEN

Este trabajo examina la fábrica de corsés Spirella en el contexto urbano de Letchworth, la primera ciudad-jardín concebida según los principios de Ebenezer Howard. Aunque existe una amplia bibliografía sobre la ciudad-jardín como propuesta urbanística, la presencia de Spirella en este ecosistema sigue siendo poco estudiada, a pesar de su relevancia como expresión concreta de los ideales howardianos aplicados a la vida industrial. La elección de Letchworth como sede no fue casual: la ciudad, diseñada con énfasis en la sostenibilidad y la vida comunitaria, reforzaba la imagen progresista de la empresa. La fábrica, construida en un estilo arquitectónico distinto de la estética industrial convencional, se convirtió en símbolo de la integración entre trabajo y calidad de vida.

Otro aspecto fundamental es la participación femenina. Spirella empleaba principalmente mujeres y desarrolló un sistema innovador de ventas a domicilio a través de las corsetiers, quienes actuaban de manera autónoma en la comercialización de los productos. Esta estrategia desafiaba los patrones tradicionales de la industria y ampliaba el protagonismo de las trabajadoras. La investigación adopta un enfoque interdisciplinario, cruzando historia urbana, arquitectura y estudios de género, para ofrecer una lectura más amplia de Letchworth. Tras el cierre de las actividades industriales en 1989, el edificio fue restaurado por la Letchworth Heritage Foundation y convertido en un espacio de uso mixto, preservando su permanencia simbólica y cultural hasta la actualidad.

Palabras clave: ciudad-jardín; Spirella; arquitectura industrial; género.

INTRODUÇÃO

Letchworth, primeiro exemplo de transposição à prática do esquema da cidade-jardim idealizado por Ebenezer Howard e inaugurada em 1903, pode ser chamado de um cânone do urbanismo. Está presente tanto nos manuais e compêndios de história do urbanismo - é citada como exemplo pivotal das narrativas de Benevolo, Hall, Choay, Mumford, Gravagnuolo, entre outros - quanto com estudos mais aprofundados e monográficos (Fishmann, O'Sullivan, Tidy e Miller). O esquema da cidade-jardim propunha a aquisição coletiva de terras rurais para criar comunidades urbano-rurais planejadas, nas quais a propriedade do solo permaneceria coletiva, revertendo a valorização fundiária ao bem estar da comunidade (Howard, 1898).

A excepcionalidade de Letchworth não se limitou ao seu planejamento urbano e estrutura fundiária inovadores, mas também se manifestou na criação de um ambiente social e cultural que atraiu moradores com perfis específicos, eventos marcantes, instituições influentes e profissionais renomados. Letchworth foi projetada como uma cidade-jardim ideal, que buscava harmonizar o desenvolvimento urbano com valores cooperativos e sociais, promovendo a participação comunitária e a qualidade de vida. Entre os eventos que reforçaram essa identidade está a "Cheap Cottages Exhibition" de 1905, que apresentou soluções acessíveis para habitação popular, enquanto a Garden City Association, atuou na gestão comunitária da cidade (Fishmann, 1982).

Este artigo conta a história de um dos ocupantes mais célebres de Letchworth Garden City, a fábrica de corsets (ou espartilhos) Spirella. A Spirella foi o maior empregador da cidade jardim por quase oito décadas. Também se destacou por uma estratégia de construção de imagem de empresa socialmente responsável, preocupada em oferecer benefícios e promover o bem-estar de seus trabalhadores. Embora primordial para a viabilização de Letchworth, a fábrica da Spirella não recebeu ainda a merecida atenção pela literatura. O estudo mais completo é o de Chance (2017), que foca nos jardins da fábrica como espaços de sociabilidade, mas também de controle e de marketing por parte da empresa. Aqui centramos a narrativa no conjunto construído da Spirella, apoiando a compreensão tanto do estratégico casamento entre a indústria e Letchworth, quanto da própria espacialidade da empresa, com seu imenso investimento em espaços não produtivos, algo que pode parecer irracional do ponto de vista econômico.

Além disso, este artigo problematiza a vida social do edifício até os dias atuais, evitando o foco exclusivo no passado. Com isso, aprofundamos o conhecimento existente sobre a existência de Letchworth para além da utopia original de Ebenezer Howard, ajudando a compreender sua

PENSAR FORA DO EIXO

excepcionalidade na longa duração e a interpelar a vigência da teoria de Howard na atualidade. Agregamos uma perspectiva de gênero às análises, pois o complexo da Spirella só pode ser entendido levando em conta a existência feminina, como clientes, vendedoras e operárias, demandando um tipo específico de planta industrial e de relação de clientela. Desta forma, ajuda a preencher uma lacuna significativa na história do urbanismo: enquanto a utopia de Howard e os planos urbanísticos de Unwin e Parker são onipresentes na literatura, há ainda pouco conhecimento consolidado sobre como a cidade-jardim se efetivou na prática.

O artigo se desenvolve em quatro partes, além desta introdução. Problematisa o lugar da indústria na formulação original da cidade-jardim de Ebenezer Howard; apresenta o que chamamos de Proposição Spirella, complexa rede de produção de corsets em que parte da produção era feita de forma atomizada e parte concentrada, e o gigantesco sucesso comercial da empresa; em seguida apresenta o complexo produtivo e de serviços em Letchworth, mostrando a eficácia do casamento entre a indústria e a cidade-jardim. Por fim, problematisa a sobrevivência do edifício e sua refuncionalização com o fim da atividade industrial, mostrando como a estrutura fundiária excepcional de Letchworth permitiu que o edifício seguisse sendo funcional para a cidade. O artigo resulta de pesquisa com fomento da FAPESP com bolsa de pesquisa BEPE no exterior, onde foi possível fazer visita a campo em Letchworth Garden City.

O lugar da indústria na cidade Jardim

No projeto original de Barry Parker e Raymond Unwin, a zona industrial de Letchworth deveria localizar-se a leste do centro urbano, configurando um distrito específico para as fábricas. Essa disposição seguia a lógica de separar funções e organizar o espaço de modo racional. Contudo, a instalação da Spirella representou uma ruptura significativa nesse plano. A Spirella decidiu não seguir o traçado previsto para as indústrias e escolheu se instalar em um ponto mais visível, próximo ao coração da cidade e ao movimento diário da estação. Essa escolha não foi apenas uma questão de estratégia empresarial, mas também um gesto simbólico: a fábrica queria estar presente no cotidiano dos moradores, fazer parte da vida urbana e não ficar isolada em um distrito afastado.

A indústria ocupava papel central na concepção de Ebenezer Howard. Sua proposta era transpor o modelo fabril tradicional — marcado por poluição, insalubridade e aglomeração — para um ambiente equilibrado, social e ambientalmente saudável. Howard inspirou-se em experiências como os parques industriais de Trafford Park, Manchester, na década de 1890, que demonstravam a possibilidade de compatibilizar as fábricas ao território urbano, de forma planejada. A proximidade

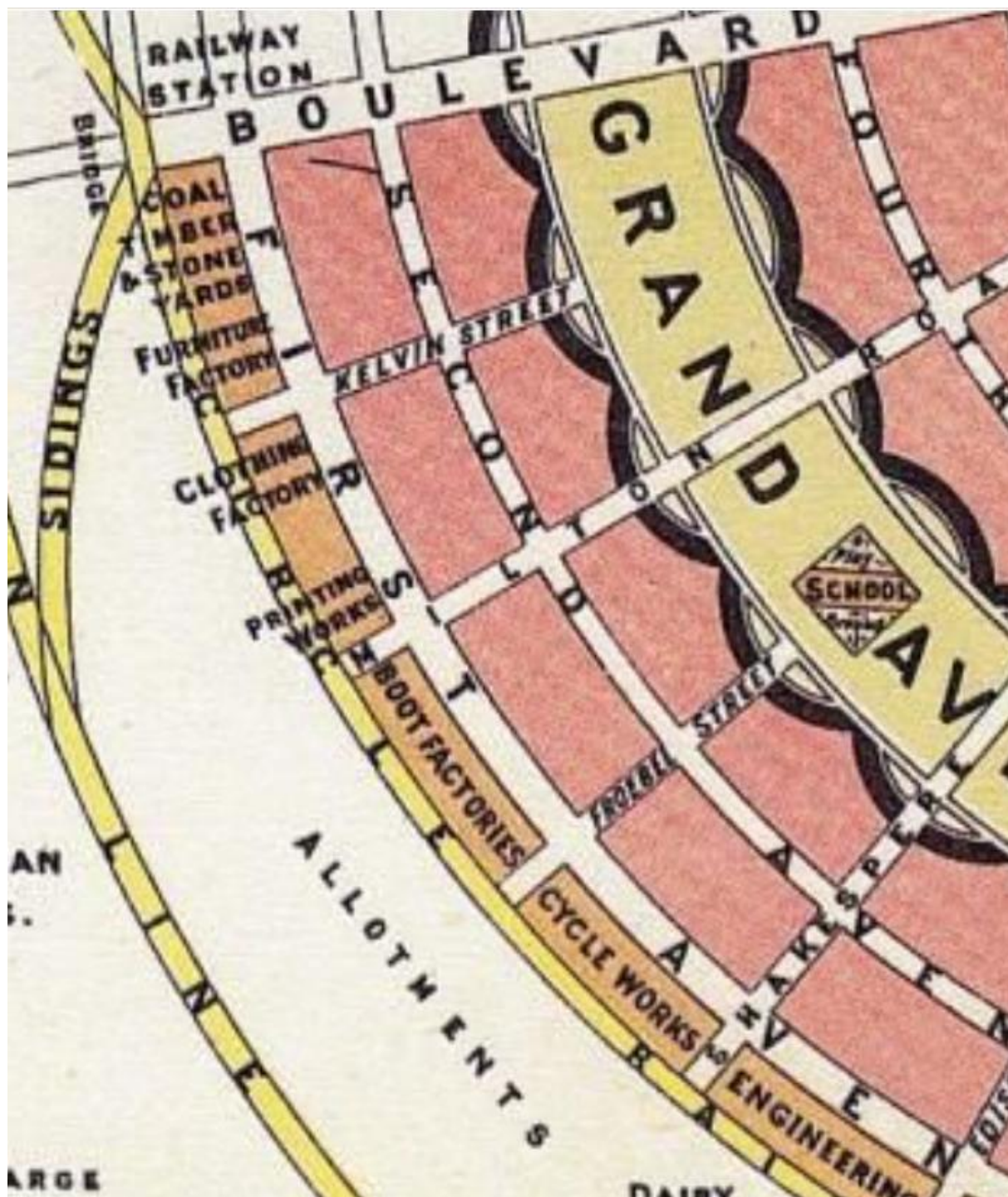
PENSAR FORA DO EIXO

com a ferrovia era estratégica, garantindo eficiência logística e, ao mesmo tempo, favorecendo a articulação entre produção e comunidade.

Tanto nos esquemas abstratos de Howard quanto no projeto original de Letchworth, garantir uma distância segura entre a cidade e a indústria era um ponto chave. A aglomeração entre atividades industriais e residenciais era vista como um dos principais males da cidade industrial, e uma cidade saudável deveria ser proposta em zonas, com as indústrias bem separadas das áreas residenciais (Figuras 1 e 2)

Figura 1. Detalhe do esquema original da cidade-jardim feito por Ebenezer Howard. As indústrias se situariam em um anel externo da cidade-jardim, adjacentes à estrada de ferro. Combatia-se a estrutura da cidade industrial, em que as indústrias ocupavam as partes mais centrais do território, misturando-se aos usos residenciais e prejudicando a salubridade das cidades como um todo.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Howard, 1902.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 2. Layout de Letchworth Garden City, 1904. Em azul, o “factory site” originalmente proposto por Parker e Unwin para a instalação das indústrias, localizado no setor leste da cidade e segregado da área residencial. Em vermelho, observa-se o terreno efetivamente ocupado pela fábrica da Spirella, próximo ao centro urbano e à estação ferroviária. A Spirella, indústria emblemática da Cidade-Jardim, se apresentava como indústria limpa e moderna, exigindo um lugar de destaque na cidade e desafiando a rígida separação entre cidade habitada e indústria proposta pelo modelo original de Howard e Unwin/Parker.



Fonte: Garden City Collection. Imagem editada pelos autores em 2026.

Na prática, entretanto, a implementação desse ideal enfrentou dificuldades. Nos primeiros anos, Letchworth não atraiu grande interesse de industriais, e as fábricas que se instalaram não corresponderam à expectativa de transformação ambiental e social. Foi apenas em 1909, com a chegada da Spirella, que a cidade passou a contar com uma indústria capaz de materializar os princípios da cidade-jardim. A fábrica de espalhos, multinacional e moderna, tornou-se referência ao oferecer não apenas emprego, mas também espaços de lazer, esporte e convivência, alinhando-se ao discurso de bem-estar e progresso.

A Spirella, nesse sentido, desempenha dupla função: para a empresa, representava a oportunidade de construir uma imagem inovadora e socialmente responsável; para Letchworth, era a vitrine que demonstrava a viabilidade de uma grande indústria capitalista em um ambiente salubre e esteticamente qualificado. A fábrica tornou-se símbolo da integração entre urbanismo e produção, mostrando que o ideal de Howard podia ser concretizado. Sua permanência física e simbólica até hoje reforça a importância de compreender o papel da indústria na cidade-jardim, não apenas como elemento econômico, mas como parte constitutiva da experiência urbana e social.

A PROPOSIÇÃO SPIRELLA

O espartilho ou corset foi peça central na indumentária feminina por décadas, moldando o corpo das mulheres conforme as expectativas sociais. O corset estruturado em hastes verticais usado até o início do século 20, de madeira ou de osso de baleia, torturava os corpos e limitava movimentos (Figura 3).

Figura 3. O espartilho tradicional estruturado por hastes de madeira ou ossos de baleia, que limitava movimentos e aprisionava o corpo feminino. Imagem de propaganda da fábrica de espartilhos Royal Worcester na Exposição Internacional de Chicago de 1893.

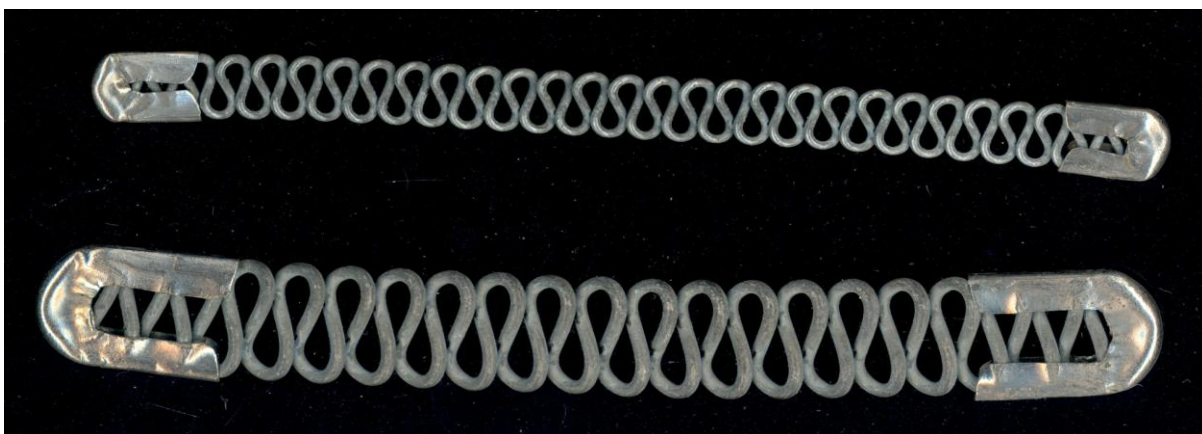
PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: <https://clickamericana.com/>. Consultado em 05 de abril de 2026.

No início do século 20, Marcus Meritt Beaman inventou e patenteou uma haste em espiral que permitia ao mesmo tempo a sustentação e a flexibilidade, permitindo à mulher movimentar-se em todos os sentidos enquanto não perdia a modelagem de suas formas pelo corset. Em 1904, ele uniu-se a outros dois sócios e fundou a Spirella Corset Company em Philadelphia. A Spirella revolucionou o mercado de corsets e logo tornou-se uma multinacional, com fábricas nos EUA, Canadá, Suécia, Dinamarca, Alemanha e Inglaterra.

Figura 4. A espiral inventada por Beaman que estruturava os corsets da Spirella e deu o nome à empresa. Essa haste em espiral permitia movimentos nos dois sentidos e orientava o retorno à forma e posição original, aliando a moldagem do corpo a alguma flexibilidade. A liga não enferrujava e a empresa dava garantia de durabilidade para a cliente.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SpirellaStay10mm_and5mm.jpg. Consultado em 10 de janeiro de 2025.

Figura 5. Propaganda da cinta modeladora Spirella, década de 1920. Tradicionalmente os corsets eram estruturados por hastes fixas de madeira que aprisionavam o corpo feminino e permitiam movimentos muito reduzidos ou, para as mulheres ricas, com os preciosos ossos de baleia que permitiam alguma flexibilidade a mais. A solução da Spirella permitia movimentos em todos os sentidos e o retorno à posição original de sustentação do volume do corpo.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Garden City Collection, Letchworth Garden City Heritage Foundation.

O sistema de produção e vendas da Spirella baseava-se em uma logística engenhosa que mesclava a alta costura e a industrialização. Para perfeita moldagem do corpo, cada espartilho tinha medidas únicas, adaptadas a cada mulher, mas a produção dos espartilhos era centralizada. Para viabilizar sua proposição, a Spirella investiu na figura estratégica da “corseteira”, representante de vendas que atuava como mediadora entre a empresa e a cliente. Diferentemente da venda em lojas, a Spirella comercializava seus produtos exclusivamente por meio de vendas diretas, realizadas por um vasto grupo de corseteiras representantes altamente treinadas.

Com seu atraente produto em mãos, as corseteiras construíam sua clientela por indicações boca-a-boca, e faziam as vendas nas casas das clientes. Para ser eficaz, o corset precisava ser feito sob medida para cada corpo, e o equipamento de vendas da corseteira Spirella era uma mala com um corset-molde, que era aplicado ao corpo da cliente e permitia a corseteira ajustar e anotar medidas. O modelo era escolhido em um catálogo impresso renovado todos os anos. A corseteira tirava as medidas, anotava o modelo e enviava o pedido para a fábrica. Na fábrica, cada corset era produzido conforme a encomenda. A fábrica enviava o corset para a corseteira, que agendava nova visita para a prova final e entrega do modelo. Como a Spirella tinha a patente da espiral, não tinha concorrentes

PENSAR FORA DO EIXO

nem na indústria nem na costura doméstica. As corseteiras não eram apenas vendedoras. Eram especialistas no ajuste e adaptação dos produtos, seguindo um rigoroso manual que combinava conhecimento técnico sobre a fabricação e os benefícios do corset Spirella com técnicas avançadas de vendas e atendimento ao cliente. Esse método permitia um contato próximo e personalizado, fortalecendo o vínculo entre a marca e suas consumidoras, além de destacar a Spirella no mercado de roupas íntimas femininas. A empresa investiu intensamente no treinamento das corseteiras para que atuassem também como consultoras de estilo e saúde, promovendo as qualidades higiênicas, confortáveis e inovadoras dos corsets da Spirella.

Figura 6. A visita da corseteira, levando à casa da cliente amostras dos corsets em ambiente doméstico, parte das estratégias da empresa para aproximar o produto da vida cotidiana das consumidoras. Na visita a corseteira levava um molde genérico de corset onde podia tirar as principais medidas da cliente, que permitiriam a fabricação do espartilho adequado para cada corpo.



Fonte: <https://www.corsetiere.net/Spirella/Corsetiere/Fitter.htm>. Consultado em 29 de março de 2026

A corseteira ganhava comissões sobre os produtos vendidos, variando assim sua remuneração conforme suas redes, carisma e esforço. Precisava apresentar-se bem e era ela, também, uma usuária Spirella, demonstrando em seu próprio corpo a eficácia do produto. Era, portanto, um trabalho que exigia boas qualificações para os padrões de mão de obra feminina do início do século 20. A corseteira Spirella, tão central na estratégia da empresa, não era profissional abundante, que se encontrava em qualquer lugar. Ao contrário, precisava ser treinada - ainda mais, era uma personagem a ser construída. Para isso, existia todo um sistema de formação e pertencimento. As corseteiras passavam por um processo de formação, em que aprendiam as especificidades técnicas

PENSAR FORA DO EIXO

do produto, anatomia, técnicas de abordagem e de comportamento frente às clientes. Recebiam um certificado¹. O treinamento era pago, mas a empresa reembolsava os cursos total ou parcialmente se a corseteira fosse eficiente nas vendas. Existia um manual de apoio, e a reciclagem era feita nos encontros ou conferências anuais promovidos pela empresa, em que as corseteiras eram treinadas e também mimadas. Nessas conferências reforçava-se a identidade da “comunidade Spirella”.

Assim, o ecossistema Spirella não se descrevia por uma separação radical entre espaços de produção de venda, de indústria e de serviços. Parte da manufatura era feita de forma atomizada nas casas das clientes pelas corseteiras. Da mesma forma, parte significativa dos espaços das fábricas não eram de produção, mas de marketing, de fruição, de treinamento, de divertimento corporativo. Nesse esquema, não cabiam fábricas tradicionais nos bairros industriais poluídos e insalubres. Uma fábrica fortemente baseada em trabalho feminino especializado precisava apresentar boas condições de trabalho para atrair a mão de obra adequada, e isso tornou-se ainda mais importante durante a primeira guerra mundial, quando fábricas de munição com salários mais altos passaram a concorrer com as demais indústrias. Também era necessária a distribuição geográfica das plantas industriais, para aproximar os espaços de produção e consumo. Visto desta forma, a escolha de um lugar para a expansão inglesa da Spirella só poderia mesmo ter recaído sobre Letchworth, que oferecia um produto único: uma cidade bem projetada à espera de uma indústria emblemática.

SPIRELLA E LETCHWORTH (1909-1939): UM CASAMENTO FEITO NAS ESTRELAS

Em 1904, foi divulgado o plano elaborado pelos arquitetos Barry Parker e Raymond Unwin para Letchworth, marcando um passo decisivo na materialização do esquema de cidade-jardim idealizado por Ebenezer Howard. Esse plano mestre detalhava o desenvolvimento da gleba de aproximadamente 1.545 hectares recentemente adquirida pela First Garden City Limited, incorporando princípios inovadores de planejamento urbano que buscavam harmonizar áreas residenciais, industriais e agrícolas, além de preservar amplos espaços verdes e criar uma comunidade saudável e autossuficiente. Parker e Unwin, desenharam um traçado axial com ruas arborizadas e zonas distintas para diferentes classes sociais, priorizando o bem-estar dos

¹ Um exemplo de certificado encontra-se aqui: <https://www.corsetiere.net/Spirella/Corsetiere/certificate.htm> . Consulta em 15 de janeiro de 2025.

PENSAR FORA DO EIXO

habitantes e a qualidade das habitações, conforme os ideais de Howard de prover moradia digna e condições físicas adequadas para a população.

No mesmo ano, a abertura da fábrica inicial da Spirella na cidade de Meadville na Pensilvânia produziu uma revolução no mercado de corsets. A demanda era gigantesca e global. O esquema Spirella tornava-se disfuncional se a produção fosse muito distante dos locais de consumo, pelos custos de envio dos espartilhos, por isso iniciou-se uma expansão das plantas industriais. .

Em 1906 foi aberta uma fábrica no Canadá, e em 1909 um dos sócios, William Wallace Kincaid, viajou à Inglaterra com a intenção de construir uma fábrica para atender ao enorme mercado britânico. Kincaid e Howard se encontraram em 1909 e após o encontro Kincaid decidiu implementar a fábrica da Spirella em Letchworth. Em suas próprias palavras:

A Spirella tem como princípios sugerir aos seus funcionários os pensamentos corretos, os métodos corretos de viver, os métodos corretos de trabalhar, o apreço às necessidades vitais de luz solar, de alimentação saudável, os prazeres da vida feliz. A Spirella tem simpatia por cada detalhe do movimento das Cidades-Jardins, que tem em Letchworth sua melhor expressão

(Kincaid, 1912, em Historic England).

Já em 1910 a empresa abriu sua primeira fábrica em Letchworth, no local chamado *Sheds*, galpões usados para abrigar os primeiros trabalhadores que construíram a cidade (Miller, 2002). Essas instalações eram pequenas e inadequadas, e foram usadas de forma temporária enquanto a Spirella planejava seu grande complexo. Para isso, contratou o arquiteto Cecil Hignett, que trabalhava com Unwin e Parker, havia se mudado para Letchworth no início da cidade e nela viveu até sua morte. Hignett deu forma a um projeto de uma indústria dentro de um jardim, antítese da planta industrial suja e insalubre da época, assim como a cidade-jardim se apresentava como a antítese da suja e insalubre cidade industrial.

O edifício tinha três blocos que se organizavam em formato de U em torno de um pátio aberto voltado para a Bridge Road. Tinha ateliês bem iluminados, entre os dois edifícios administrativos com telhado de quatro águas (Tidy, 2015). A arquitetura da fábrica refletia uma combinação harmoniosa de influências do movimento Arts and Crafts e inovações funcionais, como o uso de concreto armado e janelas amplamente envidraçadas, que garantem uma iluminação natural

PENSAR FORA DO EIXO

abundante, criando um ambiente de trabalho mais confortável do que o que era esperado de um espaço de produção. O complexo foi construído entre 1912 e 1920 execução da construção por Howard Hurst e supervisionado por Cecil Hignett. Se destacou como um marco visual na cidade, recebendo o apelido de *Castle Corset*, o castelo dos espartilhos.

A fachada e interiores buscaram criar um ambiente de trabalho confortável e produtivo para os funcionários. O objetivo era criar boas condições laborais e também promover o senso de comunidade entre os trabalhadores (Miller, 2015). O grande jardim no entorno da fábrica era parte central do projeto (Chance, 2017). Assim como Letchworth materializava o conceito da cidade-jardim, a Spirella era expressão física da viabilidade de uma “fábrica-jardim”, algo muito pouco provável no início do século 20. Por esse desenho, um edifício que poderia ser a antítese da cidade-jardim, por situar-se no centro da cidade e fora da zona industrial, foi capaz de tornar-se quase seu emblema.

Figura 7. Fábrica Spirella em 1935.



Fonte: Hertfordshire Archives and Local Studies

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 8. Espaço de produção de espartilhos na fábrica da Spirella em 1921.



Fonte: Garden Collection, 100.248.185. <http://gardencitycollection.com/object-100-248-185>

Figura 9. O complexo ecossistema econômico da Spirella na Inglaterra explicado em um anúncio de página inteira na lista telefônica de Londres, década de 1930. A fábrica tinha um showroom na chamada Spirella House em um prédio em Oxford Circus, lugar mais prestigioso do comércio de Londres. As vendas eram feitas pelas corseteiras, cujos telefones estavam divulgados nessa página chamada de “diretório das corseteiras Spirella”. O complexo em Letchworth Garden City era também divulgado como “escritório e fábrica principal”.

PENSAR FORA DO EIXO

[illegible]

	Main Office & Factory: LETCWORTH (First Garden City) HERTS	<i>At Port or New Building Estate.....</i> <i>Bowden Meadows.....</i> <i>50 Acres at Woodland park E.H.E.....</i> <i>Buckley Mrs. A. 71 Finsbury Lane E.H.E.....</i> <i>Lane Mrs. L. 114 Weymouth Rd Goodenough Road.....</i> <i>Madden Mrs. M. E.....</i> <i>204 St Albans rd Seven Kings Road Estate.....</i> <i>Shaw Mrs. M. Unaccompanied.....</i> <i>41 Malvern drive Longbridge rd Elford Road.....</i> <i>Whitton Meadows, 21 Conesley rd Elford. V.A.Linton 1210</i> <i>(continued on page 1876)</i>
---	---	--

Fonte: www.corsetiere.net. Consultado em 05 de abril de 2026.

A fábrica no jardim era possível - e mesmo necessária - porque o programa não era estritamente industrial. Os espaços de produção de espartilhos eram uma parte relativamente pequena da planta. Parte significativa do espaço era dedicada à sociabilidade da comunidade Spirella: operárias e operários, administradores, mas também visitantes, e a grande quantidade de corseteiras que

PENSAR FORA DO EIXO

visitava a indústria. Uma vez por ano acontecia a conferência da empresa, para a qual eram convidadas as corseteiras mais estratégicas da região. A conferência, cuidadosamente planejada, reiterava a identidade da comunidade Spirella, divulgava novos modelos, aprofundava o treinamento das mulheres em técnicas de venda, permitia o encontro de troca de experiências. O evento devia ser prazeroso, e o jardim no entorno do edifício era peça fundamental para essa sociabilidade.

O centro nervoso do edifício era o *assembly hall*, grande salão social no último andar do bloco central, equipado com um palco que possuía espaço para urdimento de cenários. Nesse espaço aconteciam as principais apresentações da conferência anual, e também aulas de dança para as funcionárias. O salão era usado pela fábrica mas também pela cidade, em eventos comunitários onde ocorria parte da interação social da comunidade. Reforçava-se assim a posição da Spirella como um pilar cultural e social na região (Miller, 2002).

Figura 10. Fotografia de um desfile de moda realizado no Edifício Spirella na década de 1960.



Fonte: Museu North Herts.

PENSAR FORA DO EIXO

A partir da década de 1920, os espartilhos começaram a ser desafiados por mudanças nos padrões de moda e comportamento feminino, que valorizavam maior liberdade e conforto. No entanto, a grande maioria das mulheres continuou por décadas a perseguir o corpo ideal, caracterizado por uma silhueta alongada, cintura marcada e abdômen achatado, mantendo a demanda por peças que modelassem o corpo. Para se adaptar a essas transformações, a Spirella diversificou sua produção, introduzindo as cintas modeladoras (girdles), que ofereciam suporte e modelagem com maior flexibilidade e conforto em comparação aos espartilhos tradicionais. Essa adaptação permitiu que a empresa continuasse a atender seu público fiel, combinando inovação técnica com a manutenção dos ideais estéticos que ainda predominavam na moda íntima feminina, garantindo sua relevância e sucesso no mercado mesmo diante das mudanças sociais e culturais do período.

LETCWORTH E SPIRELLA NO PERÍODO ESTATAL (1962-1994)

Na segunda guerra mundial, a economia de Letchworth reorientou-se como a de todo o país. Uma fundição de aço foi estabelecida em Dunhams Lane, dedicando-se à fabricação de munições, peças de tanques e pontes portáteis. A fábrica da Spirella se tornou um importante empregador, acolhendo cerca de 3.000 refugiados belgas que buscavam segurança e oportunidades de trabalho em meio ao conflito (Miller, 2002). Essa iniciativa não apenas contribuiu para o esforço de guerra, mas também proporcionou um novo lar para aqueles que fugiam da devastação na Europa.

Seguiram-se alguns anos de abandono, que também representaram um período de transição para a própria cidade. Mas o tempo da empresa estava contado: a onda feminista do final da década de 1960 elegeu as cintas e espartilhos como seus inimigos, e essas peças foram jogadas fora em público.

O período pós segunda guerra foi crítico também para Letchworth. Por um lado, o modelo da cidade-jardim inspirou políticas públicas. O Great London Plan de 1944 propunha a criação de uma rede de cidades novas, as chamadas New Towns, buscando desconcentrar a população e os empregos no território, mencionando explicitamente a inspiração de Howard. Por outro lado, o conselho da First Garden City Company, detentora da propriedade, com uma nova composição assume algumas posturas contrárias aos planos originais. No final da década de 1950, propõe o loteamento de parte significativa do cinturão verde da cidade. Isso provocou uma revolta tanto da comunidade como de gestores públicos, e o resultado final foi a estatização de Letchworth em 1962 (Miller, 1983).

PENSAR FORA DO EIXO

A estatização, que fez com que na prática Letchworth se tornasse uma das New Towns, foi ao mesmo tempo uma medida de proteção do projeto original quanto um desafio a ele. O modelo original de Howard não era de propriedade pública, mas associativa. Fishman (1983, p. 87) declarava na década de 1980 que a pioneira cidade-jardim de Letchworth “é agora parte do estado de bem-estar social britânico”, como se decretando o fim de uma história.

A estatização não produziu grandes discontinuidades na fábrica da Spirella, pois conforme o modelo implementado, a fábrica havia adquirido no início do século um *leasehold*, que dava a ela o direito de construir sobre o terreno, mas não a propriedade. A propriedade do terreno passou para o Estado, mas o edifício seguiu nas mãos privadas. A Spirella continuou funcionando como um importante centro industrial da cidade, mantendo seu papel como maior empregadora local e referência na produção de corsets e cintas modeladoras (Letchworth Garden City Heritage Foundation [LGCHF], 1999).

O que ameaçou a Spirella foram as mudanças nos costumes e na tecnologia têxtil. Em 1958 foi patenteada a fibra sintética K, que ficou conhecida como Lycra, com inédita capacidade de estiramento e retorno à forma original. A lycra chegou ao mercado no início da década de 1960 e permitiu uma enorme redução do tamanho da roupa de baixo e a consolidação do par calcinha-sutiã que existe até hoje. No final da década de 1960, as cintas e espartilhos foram execrados pelas feministas, em busca da libertação de seus corpos. O público da Spirella e das corseteiras encolheu e envelheceu. Em 1989, a Spirella foi adquirida por outra companhia, e a fábrica de Letchworth encerrou suas atividades pouco tempo depois, deixando um edifício imponente, mas abandonado, no coração da cidade (LGCHF, 2000).

O RETORNO À PROPRIEDADE SOCIAL

O fechamento e abandono da fábrica da Spirella coincidiu com um período de transição para Letchworth como um todo, que enfrentava desafios econômicos e sociais decorrentes da desindustrialização e das mudanças na gestão das novas cidades britânicas (Fishman, 1982).

Na década de 1990, a política econômica liberal do governo de Margaret Thatcher promoveu um amplo processo de privatização de propriedades públicas, buscando reduzir os custos para o Estado e estimular a iniciativa privada (Hall, 1996). Letchworth foi considerada custosa demais para o Estado, e sua venda tornou-se inevitável. No entanto, diferentemente de outras cidades e propriedades que foram simplesmente privatizadas, Letchworth apresentou uma especificidade

PENSAR FORA DO EIXO

importante: seu valor histórico, social e urbanístico era reconhecido como excepcional, originando um movimento que ofereceu resistências a uma privatização convencional (LGCHF, 1999).

Diante dessa situação, foi criada a Letchworth Garden City Heritage Foundation (LGCHF), uma fundação sem fins lucrativos com o objetivo de preservar o legado da cidade-jardim e garantir seu desenvolvimento sustentável. A Fundação assumiu a gestão dos ativos da cidade, incluindo um grande conjunto de propriedades comerciais e institucionais. Essa decisão refletiu a compreensão de que Letchworth não poderia ser tratada apenas como um bem imobiliário, mas sim como um patrimônio coletivo, cuja manutenção exigia uma abordagem cuidadosa e comprometida com os princípios originais da cidade-jardim, como a integração entre urbanismo, natureza e comunidade. Em 1995, a LGCHF deu um passo decisivo ao adquirir o leasehold (direito de uso) do edifício da Spirella por cerca de £11 milhões (LGCHF, 1999). A Fundação identificou o prédio como um elemento estratégico para a cidade, tanto pelo seu valor arquitetônico quanto pelo seu significado histórico e simbólico para a comunidade local.

Reconhecendo que preservar a memória da Spirella era relevante para a preservação da memória de Letchworth, a Fundação investiu em uma ampla e cuidadosa restauração do prédio, que foi concluída no final da década de 1990. O projeto de revitalização transformou o antigo complexo industrial em um moderno centro de escritórios, mantendo e valorizando os elementos arquitetônicos originais. A intervenção recebeu o prêmio 'Innovation of the Year' no Property Oscars de 1999, um reconhecimento importante no setor imobiliário britânico (LGCHF, 1999). A restauração salvou o edifício do abandono e da deterioração, e também o reintroduziu como um polo econômico e social ativo dentro da cidade (LGCHF, 2023).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 11. Restauro do Spirella Building em 1995.



Fonte: Garden City Collection.

Após a restauração, o edifício Spirella passou a oferecer cerca de 7.500 metros quadrados de espaço para escritórios, abrigando mais de 20 empresas de diversos setores. Essa nova função contribuiu para a revitalização econômica de Letchworth, gerando empregos e atraindo investimentos para a cidade, ao mesmo tempo em que preservava a memória e a identidade local (LGCHF, 2023). Um dos aspectos mais emblemáticos da transformação foi a adaptação do antigo *assembly hall* da fábrica, que foi convertido em um elegante salão de festas, espaço utilizado para eventos culturais, sociais e corporativos, fortalecendo o papel do edifício como um centro comunitário multifuncional.

A Fundação mantém um importante acervo documental relacionado à história da Spirella, salvaguardando documentos, fotografias e registros que preservam a memória da fábrica e de seus trabalhadores. Esse trabalho de preservação documental é fundamental para a compreensão da história industrial e social de Letchworth, servindo como recurso para pesquisadores, historiadores

PENSAR FORA DO EIXO

e para a própria comunidade, que pode conhecer seu passado construir a consciência de si e de seu patrimônio

Os espaços do edifício da Spirella são alugados. Os relatórios anuais da LGCHF indicam que o edifício Spirella é uma das principais fontes de receita da Fundação, que contribui financeiramente para a manutenção dos serviços públicos, espaços verdes e demais propriedades sob sua gestão. A receita gerada pelo aluguel dos escritórios e espaços para eventos, entre outros imóveis que a Fundação também aluga, permite viabilizar recursos que são dirigidos ao desenvolvimento sustentável da cidade. Ou seja, o ideal de Howard segue ativo em alguns aspectos, mantendo os princípios cooperativos e sociais que inspiraram a criação de Letchworth há mais de um século (LGCHF, 2022).

A experiência da Fundação na recuperação do edifício Spirella demonstra que é possível conciliar o respeito ao passado com as demandas contemporâneas, criando espaços que atendem às necessidades atuais da comunidade e contribuem para sua qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de Letchworth já foi declarada encerrada de diversas formas, e assim encapsulada em uma periodização histórica que determina o início e o fim de seu período de interesse para a história e a disciplina do urbanismo. Fishman (1982), por exemplo, apontava que Letchworth tinha sido normalizada dentro do estado de bem-estar social britânico. No entanto, investigar as atividades e estratégias da Letchworth Garden City Heritage Foundation desde que foi criada até a contemporaneidade mostra que há ainda muito o que narrar sobre esse território.

O que vale para a cidade vale também para cada edifício de propriedade da fundação herdeira de Letchworth. Há muito o que contar sobre cada um deles, que constituem objetos de estudo privilegiados. Em um século, essas terras tiveram três vidas: a primeira delas, parte da experiência comunitária de Ebenezer Howard (1903-1962); a seguinte como propriedade pública (1962-1995); a terceira como propriedade da fundação legatária de Letchworth e sua história (desde 1995).

O edifício da Spirella em Letchworth, tendo passado por todas essas etapas, tem muito a nos contar. Ele permite tensionar a própria narrativa da construção da primeira cidade-jardim, porque foi ao mesmo tempo emblema da nova cidade e sociedade como sua antítese, pois retirou a indústria da

PENSAR FORA DO EIXO

zona a ela destinada e colocou-a no centro da cidade. Permite narrar a complexidade das operações da empresa, com parte da sua produção sendo realizada por um exército de mulheres corseteiras espalhadas no território, e no limite desafiando as nossas próprias categorias cognitivas que dividem radicalmente a produção e a comercialização de bens.

Permite também atualizar a história da cidade, e a percepção da fundação legatária de Letchworth não apenas como salvaguarda de edifícios históricos, mas como entidade que possui seus projetos, recursos e capacidade de agência sobre o território, mostrando que Letchworth segue pensando até os dias de hoje e que o edifício da Spirella segue como parte central nesse pulsar. Para uma indústria como a Spirella a cidade-jardim era o cenário perfeito, pois a indústrias se apresentavam como um lugar de aprendizado, e sociabilidade. A Spirella não apenas se integrou à cidade-jardim, mas a transformou: sua implantação não foi uma simples execução do distrito industrial idealizado por Howard, Unwin e Parker, e sim uma redefinição do papel da indústria, reposicionando-a no espaço urbano rumo a uma maior centralidade e integração.

REFERÊNCIAS

- CUNNINGTON, P.; CUNNINGTON, C. **The Corset**. London: Faber and Faber, 1992.
- FISHMAN, R. **Urban Utopias in the Twentieth Century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, and Le Corbusier**. Cambridge: MIT Press, 1982.
- FRANÇOISE, C. **L'urbanisme, utopies et réalités, une anthologie**. Paris: Éditions du Seuil, 1965.
- HALL, P. **Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century**. Oxford: Blackwell, 1996.
- HISTORIC ENGLAND. **Spirella Building Listing**. 2023. Disponível em: <<https://historicengland.org.uk/listing/the-list/list-entry/1234567>>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- HOWARD, E. **Garden Cities of To-morrow**. Cambridge: Cambridge University Press, 1902/2006.
- LETCHWORTH GARDEN CITY HERITAGE FOUNDATION (LGCHF). **Annual Report and Accounts**. Letchworth, 1999.
- LETCHWORTH GARDEN CITY HERITAGE FOUNDATION (LGCHF). **The Spirella Building Restoration Project**. Letchworth, 2000.
- LETCHWORTH GARDEN CITY HERITAGE FOUNDATION (LGCHF). **Annual Report and Financial Statements**. Letchworth, 2022.
- LETCHWORTH GARDEN CITY HERITAGE FOUNDATION (LGCHF). **About Our Property**. 2023. Disponível em: <<https://www.leitchworth.com/our-property/about-our-property>>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- MILLER, M. **Letchworth Garden City Eighty Years on**. Built Environment 9 (3/4), p. 167-184, 1983.
- MILLER, M. **Letchworth: The first garden city**. 2002.
- MILLER, M. **English garden cities: an introduction**. London: Historic England, 2015.
- O'SULLIVAN, K. **Letchworth**. Berkeley Planning Journal, v. 28, n. 1, 2016.
- PEVSNER, N. **The Buildings of England: Hertfordshire**. London: Penguin Books, 1952.
- TIDY, J. **Letchworth Garden City Through Time**. Stroud: Amberley Publishing Limited, 2015.
- WARD, S. V. **Planning the twentieth-century city: the advanced capitalist world**. Chichester: Wiley, 2002.